

Theodor Adorno: uma crítica à indústria cultural

Tamires Dias dos Santos*

Introdução

Este trabalho tem por objetivo refletir sobre algumas questões essenciais no que se refere à temática da indústria cultural, salientando-as a partir do pensamento de Theodor Adorno. Não é exagero dizer que a indústria cultural é um conceito que ocupa um lugar essencial na obra deste filósofo. Adorno faz profundas análises sobre a cultura na sociedade moderna, cujas características são, em grande medida, criadas pela maquinaria econômica em vigor, a saber, o capitalismo. As críticas adornianas versam o caráter ilusório de um modo de produção econômico que visa em última instância o lucro.

A arte, neste contexto, torna-se um instrumento profícuo para a consolidação da dominação burguesa. A música, por exemplo, ocupa um lugar especial nas análises de Adorno. Para o filósofo de Frankfurt, a arte musical tem seu caráter estético banalizado; seus propósitos logram extirpar a sensibilidade dos ouvintes, tornando-os fiéis seguidores do prazer pelo prazer, desconsiderando, assim, o sentido total da obra. A indústria cultural, portanto, não mede esforços para lançar os indivíduos em estado de indigência estética, isto é, no mais completo empobrecimento da reflexão crítica e da sensibilidade artística. A padronização é o valor decisivo desta proposta cultural. Se a massificação é a pedra angular da industrialização cultural, o esforço deve ser, então, exercido em prol do extermínio da autonomia dos sujeitos.

De fato, a reflexão crítica se encontra profundamente ameaçada. Porém, não está fadada ao seu total extermínio. Adorno não corrobora com a ideia de uma história dissociada dos sujeitos. O que isto quer dizer? Ele endossa que as condições reais da sociedade são passíveis de crítica; mais ainda: são suscetíveis de mudança. A exigência

* Mestranda no Programa de Pós-graduação em Educação pela Universidade Federal Fluminense – UFF e bolsista CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior. Niterói, RJ, Brasil. Contato: dias_tami@yahoo.com.br

para tal tarefa está na autorreflexão crítica, capaz de trazer à luz as incongruências, contradições e barbáries presentes em nossa era. Adorno concorda com Kant quando este sentencia que o homem se encontra num estado de minoridade intelectual por sua própria culpa.¹ Se não há subterfúgio, cabe aos sujeitos assumirem o papel de protagonistas de seu tempo e não de plateia dele.

Considerações sobre a indústria cultural

O conceito de indústria cultural foi cunhado em 1940 por Theodor Adorno em coautoria com Marx Horkheimer na obra *Dialética do esclarecimento*, substituindo a expressão “cultura de massa”, pois a mesma causava certa ambiguidade ao sugerir um sentido de uma cultura nascida espontaneamente das camadas populares. As críticas feitas pelos frankfurtianos à indústria cultural visam mostrar como na sociedade moderna a cultura transformou-se em uma grande força capaz de transmutar a arte em qualquer mercadoria.

O pensamento de Adorno está diretamente atrelado a muitas reflexões no que tange ao contexto do nazifascismo que protagonizou uma das maiores catástrofes imorais da história da humanidade. Além disso, houve também os anos de exílio nos Estados Unidos que proporcionaram a ele um contato com a sociedade norte-americana (a representação do apogeu capitalista), para entender a cultura caracterizada como objeto de consumo, de modo a possibilitar nos anos 1940 que ele elaborasse, juntamente com Horkheimer, o conceito de indústria cultural como lócus essencial para compreender a cultura de massa e o engodo da técnica na sociedade moderna.²

A indústria cultural transfere as características da dominação da técnica para os bens culturais na modernidade, adaptando os produtos a um consumo de massa aliado aos interesses do capital para construir um grande sistema: “O terreno no qual a técnica conquista seu poder sobre a sociedade é o poder que os economicamente mais fortes exercem sobre a sociedade. A racionalidade técnica hoje é a racionalidade da própria dominação”.³

¹ Cf. KANT, I. *Que é “Esclarecimento”?*

² Cf. ORTIZ, R. *A escola de Frankfurt e a questão da cultura.*

³ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 100.

Em um estudo sobre a Escola Frankfurt, Freitag afirma que a concepção de indústria cultural não tem como objetivo fazer uma opção pela cultura alta em contraposição à cultura popular, mas analisar como os bens culturais são planejados para atingir os consumidores.⁴ Logo, na sociedade administrada, qualquer produto artístico ou cultural é transformado em mercadoria para acolher os domínios comerciais. Sumariando, pode-se apontar os seguintes aspectos que o processo de industrialização da cultura pode ocasionar: a) a cultura transformada em mercadoria perde o seu valor crítico; b) seduz os indivíduos com produtos que não incitam a crítica e mascaram a realidade sujeitando-os aos interesses do capital; c) a partir do aperfeiçoamento da técnica, a produção e reprodução da cultura deixa o seu caráter genuíno para ser produzida como qualquer outra mercadoria.

Além disso, a indústria considera a seguinte lógica: “A partir do momento em que essas mercadorias asseguram a vida dos produtores no mercado, elas já estão contaminadas por essa motivação. Mas eles não almejam o lucro senão de forma mediata, através do seu caráter autônomo”.⁵ Os bens culturais, como gênero de mercadoria, passam a ser autofabricados, padronizados, segundo os critérios do mercado. Assim, a indústria cultural tem como pretensão estandardizar os gostos dos indivíduos, de modo a levá-los a aceitarem os critérios ditados pelos produtos, com o objetivo de satisfazer as supostas necessidades criadas pelo mercado.⁶ Freitas afirma que os produtos fornecidos pelos meios midiáticos buscam legitimar uma ideia de que as necessidades são verdadeiras como estratégias de induzir ao consumo.⁷

A inquietação que orienta Adorno e Horkheimer consiste nas seguintes indagações: como foi possível que um projeto político, social, cultural e econômico, cujo sentido se fundamentava sob o solo da razão esclarecida, e, portanto, civilizada, pôde conduzir os homens a um estado de barbárie? Mais ainda, por quais razões uma sociedade amplamente desenvolvida no que tange à técnica e que ostenta seu triunfo sob um passado que buscava explicações para o mundo nos mitos, se encontra num profundo caos cultural? Em outros termos, porque o Esclarecimento foi capaz de elevar o aperfeiçoamento tecnológico a patamares nunca antes imaginado, mas, no entanto, não foi apto para tornar o homem emancipado? Pelo contrário, o Esclarecimento, a

⁴ Cf. FREITAG, B. *Política educacional e indústria cultural*.

⁵ ADORNO, T. *O fetichismo na música e a regressão da audição*, p.288.

⁶ Cf. ADORNO, T. *O fetichismo na música e a regressão da audição*.

⁷ Cf. FREITAS, V. *Adorno e a arte contemporânea*,

despeito de sua pretensão inicial, transformou-se num projeto autoritário em muitos aspectos.⁸ Um dos aspectos desse contexto é que as influências advindas dos desejos do mercado colocam os indivíduos consumidores sujeitados aos produtos criados pelo próprio homem. Todavia, isso não quer dizer que o pensamento não consiga mais se apropriar de mecanismos para recriação da autocrítica, porque essa possibilidade pode ser recriada a partir das condições materiais impostas aos indivíduos.⁹

Segundo Maar, a Indústria Cultural é resultado da tática do modo de produção capitalista, que ameaça a formação da subjetividade humana com seus produtos culturais. Consequentemente ela impede o desenvolvimento da crítica quando tenta enquadrar os indivíduos dentro de comportamentos pré-estabelecidos na sociedade hodierna. Por esta via, o processo formativo dos sujeitos acaba se convertendo em uma pseudoindividualidade, ou seja, uma produção cultural com aspecto de livre escolha.¹⁰ Para Adorno e Horkheimer, a pseudoindividualidade “é um pressuposto para compreender e tirar sua virulência: é só porque os indivíduos não são mais indivíduos, mas sim meras encruzilhadas das tendências do universal, que é possível reintegrá-los totalmente na universalidade”.¹¹

Segundo Zuin, a pseudoindividualidade é o resultado de um processo social, cuja principal característica é a massificação dos indivíduos, através da lógica da mercadoria, tanto na dimensão subjetiva, quanto na objetiva, obliterando, assim, a capacidade crítica do indivíduo. A lógica desse processo acaba por edificar as balizas do pensamento dicotômico que estereotipa aqueles que devem ser vistos como “perdedores” ou “vencedores”. A sobrevivência e florescimento do pensamento crítico cada vez mais difícil, dado que, os pseudoindivíduos se transformam em “caixas de ressonâncias”, de informações, que incentiva o indivíduo à adaptação e ao mutismo.¹²

Em suas palavras, Adorno adverte:

O efeito do conjunto da indústria cultural é o de uma antidesmistificação, a de um anti-iluminismo [*anti-Aufklärung*]; nela, como Horkheimer e eu dissemos, a desmistificação, a *Aufklärung*, a saber a dominação técnica progressiva, se transforma em engodo das massas, isto é, em meios de tolher a sua consciência. Ela impede a formação de

⁸ Cf. ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*.

⁹ Cf. ZUIN, A. *Indústria Cultural e Educação*.

¹⁰ Cf. MAAR, L. *A guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa*.

¹¹ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p.128.

¹² Cf. ZUIN, Op. Cit.

indivíduos autônomos, independentes, capazes de julgar e de decidir conscientemente. Mas estes constituem, contudo, a condição prévia de uma sociedade democrática, que não se poderia salvaguardar e desabrochar senão através de homens não tutelados. Se as massas são injustamente difamadas do alto como tais, é também a própria indústria cultural que as transforma nas massas que ela depois despreza, e impede de atingir a emancipação, para qual os próprios homens estariam tão maduros quanto as forças produtivas da época o permitiriam.¹³

Nesse sentido, a necessidade primária da indústria cultural é impedir a conscientização dos indivíduos, instaurando uma dominação técnica sobre a sociedade. Esse é o intuito da maquinaria econômica capitalista, que por meio da indústria cultural busca implantar um comércio fraudulento, de modo a envolver um rebanho de consumidores que são continuamente ludibriados com promessas vãs. Assim, o consumidor acaba se tornando um joguete dos interesses econômicos capitalista.

A diversão como instrumento da indústria do consumo

Uma das características nodais da indústria cultural é o entretenimento. O domínio exercido sob os consumidores, dirá Adorno, é mediado pela lógica da diversão. Esta lógica opera da seguinte forma: os indivíduos fatigados em decorrência de longas e duras jornadas de trabalho se prostram diante das diversas possibilidades de divertimento proporcionado pela televisão, por exemplo. Eles se submetem a isto em razão de reestabelecer as forças físicas mediante momentos de distração, para em seguida voltarem as suas funções de trabalho. Como o ato de trabalhar repetitivo não proporciona júbilo, as poucas horas do dia que restam são preenchidas pelos passatempos da mídia. O que deve apeter o espectador não deve ter nenhuma ligação real com sua vida cotidiana. Eles são levados estupidamente, com efeito, a pensarem conforme os parâmetros estabelecidos de antemão pela indústria do consumo e, assim são impelidos a pensarem acriticamente. Nesse sentido afirma Adorno,

[...] eis aí a doença incurável de toda diversão. O prazer acaba por se congelar no aborrecimento, porquanto, para continuar a ser um prazer, não deve mais exigir esforço e, por isso, tem de se mover rigorosamente nos trilhos gastos das associações habituais. O espectador não deve ter necessidade de nenhum pensamento próprio, o produto prescreve toda reação: não por sua estrutura temática – que desmorona na medida em que exige o pensamento –, mas através de sinais.¹⁴

¹³ ADORNO, T. *A indústria cultural*, p.295.

¹⁴ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 113.

Mais ainda: Adorno desconstrói a engrenagem desta maquinaria econômica: o sentido do modo de trabalho em voga, o tempo disponível no qual se está distante do trabalho tem por fito reparar a própria força de trabalho. Entretanto, o espaço de tempo destinado ao lazer, neste contexto, não possui uma acepção pura, desprovida de finalidades. Apesar do entretenimento supostamente desinteressado promover o descanso, ele está eivado pelos interesses do capitalismo que por vias indiretas e sorrateiras introduz modos próprios do trabalho. Daí que a ideologia do *hobby* se faz presente, sendo implantada coercitivamente. Todos devem possuir um *hobby*, um passatempo, uma ocupação para o tempo livre. É necessário, pois, aderir a uma atividade em que seja possível identificar os resultados, isto é, as consequências precisam ser palpáveis, justificáveis. Uma prática cujo fim não possui objetividade certamente não é significativa para a indústria cultural.¹⁵

Atualmente não são poucas as pessoas que optam por alguma atividade que aparentemente não possui nenhuma relação com o mundo do trabalho. Passear no shopping, escovar o cabelo, comprar roupas novas, ir ao show no fim de semana da banda que toca os *hits* do momento ou esculpir os corpos nas academias são exemplos típicos da integração do tempo livre às determinações do mercado econômico em voga. “[...] por isso, a integração do tempo livre alcançada sem maiores dificuldades, as pessoas não percebem o quanto não são livres lá onde mais livres se sentem”.¹⁶

O sentido basilar da diversão é a promoção da impotência: a instauração e naturalização da falácia que se traduz em satisfação. Divertir, em última instância, significa abrir mão da possibilidade de refletir sobre aquilo que se está assistindo. A “contemplação estética” promovida pela indústria cultural pretende suavizar o pensamento, isto é, torná-lo dócil, inapto para resistir às forças externas a ele que almeja domesticá-lo. A recorrência do logro difundido pela indústria cultural é patente, não obstante nem sempre tal constatação seja feita. Os bens de consumos são apresentados como símbolos concretos da consecução da felicidade, conquanto nem todos disponham da oportunidade para adquiri-los. Em programas dominicais, por exemplo, comumente se expressa o caráter cínico dessa lógica através dos falaciosos quadros que cultivam o altruísmo: pessoas desfavorecidas são submetidas a situações de constrangimento para alcançarem o prometido prêmio, como casa ou carro. Porém nem todos serão

¹⁵ Cf. ADORNO, *Tempo livre*.

¹⁶ ADORNO, T. *Tempo livre*, p. 108.

beneficiados, ou melhor, quase ninguém será. Na obra *Dialética do esclarecimento* há um exemplo análogo a este, a saber,

As personagens descobertas pelos caçadores de talentos e depois lançadas em grande escala pelos estúdios são tipos ideias da nova classe média dependente. A *starlet* deve simbolizar a empregada de escritório, mas de tal sorte que, diferentemente da verdadeira, o grande vestido de noite já parece talhado para ela. Assim, ela fixa para a espectadora, não apenas a possibilidade de também vir a se mostrar na tela, mas ainda mais enfaticamente a distância entre elas. Só uma pode tirar a grande sorte, só uma pode se tornar célebre.¹⁷

Na realidade o objetivo final perseguido pela indústria cultural é o lucro. Para tanto, a mola propulsora de sua finalidade é a estereotipia. Ela não cessa de produzir fantasias, de erigir imagens falaciosas acerca da realidade, para moldar as subjetividades: ganhá-las para seus propósitos. Ela busca o lucro, portanto, não está interessada em promover a transformação social dando prêmios e oportunidades às pessoas que participam dos programas de TV supracitados.

A estandardização dos gostos

No texto *Fetichismo na música e regressão da audição* de 1938, Adorno já apontava como o conceito de gosto sobre a égide da sociedade administrada tem se apresentado ultrapassado, uma vez que a música é vista na contemporaneidade sob o viés do relativismo, ou seja, de que não há como discutir o que está posto: basta apenas consumir o que a indústria fonográfica nos propõe, tornando o ouvinte passivo em meio à lógica da padronização musical. Por conseguinte, a música, diante do domínio mercadológico, tem assumido um caráter quase que exclusivamente destinado à diversão, de modo que os gostos estão em perfeita sintonia com a fetichizada¹⁸ música oferecida pelo mercado, que empobrece cada vez mais o cenário cultural por meio de

¹⁷ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 120.

¹⁸ Adorno, no texto *O fetichismo na música e a regressão da audição*, afirma que: “[...] Marx descreve o caráter fetichista da mercadoria como a veneração do que é autofabricado, o qual, por sua vez, na qualidade de valor de troca se aliena tanto do produtor como do consumidor, ou seja, do ‘homem’. O mistério da forma da mercadoria consiste simplesmente no seguinte: ela devolve aos homens, como um espelho, os caracteres sociais do seu próprio trabalho como caracteres dos próprios produtos do trabalho, como propriedades naturais e sociais dessas coisas; em consequência, a forma mercadoria reflete também a relação social dos produtores com o trabalho global como uma relação social de objetos existentes fora deles” (pp.77-78).

uma padronização que consegue fazer os consumidores rejeitarem escolhas para se iludir com os modismos da indústria cultural.¹⁹

Adorno é enfático ao elucidar o recrudescimento da sensibilidade auditiva. A sedução exercida pela música ligeira impele os ouvintes a se dedicarem exclusivamente ao prazer momentâneo. A exigência estética de considerar a obra em seu todo é, nesse sentido, dirimida. Tudo o que é produzido por aquilo que Adorno denomina de “arte ligeira” não possui critérios estéticos, seu objetivo se pauta na busca pelo prazer imediato. Se a “arte séria” teve sempre como característica essencial a necessidade da fuga do banal, a “arte ligeira”, pelo contrário, se ancora nos clichês, no trivial. O que a música de massas preza prioritariamente é a estandarização dos gostos, isto é, a perda irrestrita da autonomia individual. Nesse contexto, a individualidade é admitida, caso ela esteja em correspondência com a universalidade.

[...] diante dos caprichos teológicos das mercadorias, os consumidores se transformam em escravos dóceis; os que em setor algum se sujeitam a outros, neste setor conseguem abdicar de sua vontade, deixando-se enganar totalmente [...] à renúncia à individualidade que se amolda à regularidade rotineira daquilo que tem sucesso, bem como o fazer o que todos fazem [...].²⁰

Ora, um estado no qual vigora um modelo artístico voltado exclusivamente para o consumo sob a égide do prazer não pode favorecer a realização da autonomia do pensamento. Mais ainda, a “música ligeira” busca referendar sua função social alegando que está produzindo obras de qualidade. Caso surja objeções a seus empreendimentos estéticos, a indústria cultural apresenta o seguinte argumento: está atendendo a uma demanda das massas. A distração é a pedra de toque do domínio exercido pela banalização musical: o caráter ilusório desta engrenagem precisa gerar a ilusão, sem abrir mão, é claro, do seu falacioso esforço para promover a felicidade entre os homens.

Propostas de resistência à indústria cultural

De fato, as críticas feitas por Adorno à indústria cultural são profundamente ácidas. Sua criticidade é tamanha que comumente somos seduzidos a crer que a maquinaria da industrialização da cultura se instalou de tal modo que as possibilidades

¹⁹ Cf. ADORNO, T. *O fetichismo na música e a regressão da audição*.

²⁰ ADORNO, T. *O fetichismo na música e a regressão da audição*, p. 80.

de resistir a ela foram totalmente extintas. Adorno, por exemplo, chega a mencionar a referida indústria como um “fenômeno onipresente”.²¹ O termo onipotência é completamente questionável. Dificilmente alguém, atualmente, conseguiria defender tal asserção. Contudo, inferir que em razão disto Adorno seja um determinista seria elaborar conclusões aligeiradas que apenas negligenciam o pensamento e o caráter crítico da obra do filósofo de Frankfurt.

O poder onipotente da indústria cultural é completamente dúbio. Porém, sua influência nos dias atuais é inquestionável. A diligência dos meios mediáticos e do *marketing* para submeter a todos os seus anseios é patente. “A violência da sociedade industrial instalou-se nos homens de uma vez por todas”.²² Constatações como esta nos levam a pensar em questões não apenas polêmicas, mas de grande complexidade, como: ainda existe arte autêntica nos dias atuais? Há ainda espaço para a emancipação dos indivíduos? É claro que não há como, aqui, esgotar problemas desta grandeza, porém as indagações são necessárias para repensar os modelos culturais que nos são propostos ininterruptamente pelos jornais, pela internet, pelos canais televisivos, etc.

Adorno e Horkheimer asseveram que “os produtos da indústria cultural podem ter a certeza de que até mesmo os mais distraídos vão consumi-los alertamente”.²³ Se Adorno muitas vezes aparenta não ter esperanças em relação às possibilidades de resistência, o que pode ser aduzido em seu favor? Por exemplo: a despeito das diversas críticas que Adorno direciona à racionalidade técnica, ele não é exatamente contra a tecnologia como pode ser observado na entrevista *Televisão e formação*: “gostaria de acrescentar que não sou contra a televisão em si, tal como repetidamente querem fazer crer”.²⁴ Vê-se, portanto, que não se trata de uma recusa das tecnologias modernas. Adorno, sim, parte da suspeita para analisar um fenômeno como a televisão, ou seja, investigar as maneiras pelas quais ela opera, conduz seus interesses e difunde a ideologia que a patrocina. Mais adiante nesta mesma entrevista Adorno explicita:

Pelo prisma do veículo de comunicação de massa, a tarefa que se coloca seria encontrar conteúdos e produzir programas apropriados em seu conteúdo para este veículo, e não impostos a partir de seu exterior. Esta talvez seja a grande contribuição de nosso debate: tudo o que elaboramos positivamente [...] nestes termos apresentaria uma espécie de

²¹ ADORNO, T. & HORKHEIMER, M. *Dialética do esclarecimento*, p. 122.

²² *Ibidem*, p. 105.

²³ *Ibidem*, p.105.

²⁴ ADORNO, T. *Educação e emancipação*, p. 77.

cânone ou linha de orientação para o que deveria ser o rumo da televisão, para que ela represente um avanço e não um retrocesso do conceito de formação cultural [...].²⁵

Como se percebe, Adorno malgrado seu aparente pessimismo, não pode ser considerado determinista. De fato, a indústria cultural possui o poder de elidir a criticidade dos indivíduos; não quer dizer, no entanto, que estamos fadados à alienação. Adorno compreende que as possibilidades reais de resistência só podem ser realizadas por meio de sujeitos emancipados. Tal condição emancipatória implica não só reflexão crítica, mas também engajamento político. Se o curso da história promove em larga escala a disseminação da barbárie, é preciso, sim, estar atento a isto. Evitar a distração perante a nossa realidade é uma das vias possíveis para a consecução da emancipação. Adorno em seu texto *O que significa elaborar o passado* sentencia,

[...] nem nós somos meros espectadores da história do mundo transitando mais ou menos imunes em seu âmbito, e nem a própria história do mundo, cujo ritmo frequentemente assemelha-se ao catastrófico, parece possibilitar aos seus sujeitos o tempo necessário para que tudo melhore por si mesmo. Isto remete diretamente à pedagogia democrática.²⁶

Se nós não somos espectadores da nossa realidade, significa que ela não está fixamente estabelecida. Mesmo que as condições atuais sejam desfavoráveis ao florescimento da crítica, a crítica não está, com efeito, destinada ao desaparecimento. Para suplantar a perspectiva acrítica, é imprescindível superar uma visão que tende a apegar-se ao imediatismo que justifica a suposta naturalidade das estruturas sociais. Se a férrea inclinação ao emudecimento resulta no conformismo, “a autorreflexão e o esforço crítico são dotados [...] de uma possibilidade real” de resistência.²⁷

Adorno, por não compreender a história como fenômeno apartado dos homens, identifica, portanto, possibilidades de resistência. As críticas incisivas direcionadas à sociedade capitalista não apresentam uma visão negativista, como muitos pretendem crer, elas são imprescindíveis para a emancipação. Investigar a história implica estudar a nós mesmos, logo, implica abandonar a coisificação da consciência que se fecha em si mesma. Ora, somente é possível evitar os campos de concentração, tal qual Auschwitz, refletindo sobre as suas causas e “fortalecendo a resistência frente aos mesmos por meio

²⁵ Ibidem, p.95.

²⁶ Ibidem, p.45.

²⁷ Ibidem, p.69.

do esclarecimento”.²⁸ Em outras palavras, para alcançar a emancipação é necessário compreender criticamente o estado atual que a impede de se afirmar.

Conclusão

As influências da indústria cultural se revelam como um debate ainda atual no que tange à massificação cultural, uma vez que o poder exercido pelos interesses mercadológicos vigoram de modo patente sobre as escolhas dos indivíduos. De tal forma que muitos tendem a guiar seus gostos artísticos conforme a moda em voga. Nesse sentido, a monopolização da cultura como mercadoria impede a apropriação para formação estética dos sujeitos, pois suas reais intenções são determinadas por questões comerciais onde o lucro é o seu maior objetivo.

Entretanto, mesmo com posições pessimistas acerca do poder exercido pela indústria cultural, Adorno vê possibilidades de uma cultura não desvinculada da formação humana. Assim, para a educação ser efetiva, necessita promover a autonomia e a emancipação dos sujeitos contrapondo-se à ideologia dominante através da autorreflexão crítica.

Referências bibliográficas

ADORNO, Theodor W. & HORKHEIMER, Max. *Dialética do esclarecimento: fragmentos filosóficos*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ADORNO, Theodor W. *O fetichismo na música e a regressão da audição*. São Paulo: Nova Cultural, 2000.

_____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. Tempo livre. In: ADORNO, Theodor W. *Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

_____. A indústria cultural. In: COHN, G. (org). *Comunicação e indústria cultural*. Cia Editora Nacional/Editora Universidade de São Paulo, 1971.

FREITAG, Bárbara. *Política educacional e indústria cultural*. São Paulo: Editora Cortez, 1987.

²⁸ Ibidem, p.127.

FREITAS, Verlaine. *Adorno e a arte contemporânea*. 2 ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.

KANT, Immanuel. Que é “Esclarecimento?”. In: *Textos Seletos*. 4 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

MAAR, Wolfgang Leo. À guisa de introdução: Adorno e a experiência formativa. In: ADORNO, Theodor .W. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

ORTIZ, Renato. A escola de Frankfurt e a questão da cultura. In: *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, vol. 1, nº 1, São Paulo: jun./1986, p. 43-65.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. *Indústria Cultural e Educação: o novo canto da sereia*. Campinas: Autores Associados, 1999.

Recebido em: 01/11/2014 – Received in: 11/01/2014

Aprovado em: 14/11/2014 – Approved in: 11/14/2014